

CAVALARIA: A ARMA, AS MISSÕES E OS MEIOS

Ten Cel Cav QEMA
NILSON VIEIRA FERREIRA DE MELLO

1. INTRODUÇÃO

Tem sido comum identificar-se a Cavalaria com o meio por ela empregado, na maior parte de sua história, para cumprir suas missões: o cavalo.

Essa identificação tem levado os menos avisados a conclusões falsas. Há os que julgam a Arma ultrapassada porque ultrapassado está aquêlo meio tradicional de conduzir o homem ao combate. Assim, como a guerra não mais comporta o combatente a cavalo, não haveria mais Cavalaria.

A prevalecer essa idéia falaciosa, não deveríamos considerar infantis os modernos guerreiros que, sobre viaturas blindadas de transporte de pessoal, vão ao encontro do inimigo, ao invés de fazê-lo marchando sobre sandálias de legionário romano, ou borzeguins de combatente do Marne.

De qualquer forma, em termos de evolução do material, o carro de combate está para o cavalo, como a arma automática para o facamarte, ou o míssil para a bombarda.

A história da Cavalaria — como, de resto, a de suas coirmãs — constitui-se de uma longa série de transformações e adaptações às mutáveis condições do campo de batalha. Essa evolução de meios e de formas de emprêgo não resultou de um mero esforço de sobrevivência face a fatores adversos, mas sim da comprovada permanência de determinadas necessidades em combate, as quais exigem certas características, próprias da Arma do movimento e da manobra. Na realidade, os modernos meios postos à disposição da Cavalaria, notadamente os blindados e helicópteros, vieram aumentar de muito suas possibilidades, acentuando suas características tradicionais.

Conquanto os cavalarianos muito se orgulhem das tradições de sua Arma, gloriosamente conquistadas sobre o dorso do "nobre amigo", não se ufanam menos dos êxitos obtidos pelas formações blindadas na 2.^a Guerra Mundial, herdeiras naturais da vocação manobreira da Cavalaria.

2. UM POUCO DE HISTÓRIA

É provável que o combatente montado tenha surgido como resposta à conveniência de se obter uma posição dominante sobre o adversário, na luta corpo a corpo. Essa categoria especial de guerreiros, utilizando elefantes, camelos, carros de guerra ou cavalos, adquiriu, a par da vantagem da dominância, extraordinária mobilidade e potência de choque.

Estavam assim delineadas as características que iriam propiciar o surgimento e o desenvolvimento da Cavalaria como Arma.

É curioso notar que o termo "Cavalaria" não deriva — segundo afirmam abalizados pesquisadores — do vocábulo "cavalo". Este animal era chamado pelos romanos de "aequidus". Cavalaria viria de "cava", espécie de lança longa com que eram armados os guerreiros que combatiam montados. Com a vulgarização do equídeo como meio de condução daqueles guerreiros, o próprio animal teria passado a se chamar cavalo e as formações de combatentes montados, de cavalaria.

Na Antiguidade, desenvolveu-se o emprêgo de massas de combatentes a cavalo com base nas características originais de mobilidade e potência de choque. Há alguns exemplos notáveis do emprêgo judicioso da Cavalaria nesse período histórico, como a batalha de Canae (216 AC). Aníbal, comandante cartaginês, não obstante sua flagrante inferioridade numérica face aos romanos de Varro (50.000 para 70.000), soube aproveitar suas frações de Cavalaria, comandadas por Asdrubal e Maharbal, para envolver e aniquilar o inimigo, logrando estrondosa vitória. Basta dizer que, ao final da batalha, os romanos tiveram 48.000 mortos e 13.000 prisioneiros, contra a perda de 6.000 cartagineses.

Na Idade Média a arte militar definiu. Conquanto a História registre algumas campanhas de vulto, como as Cruzadas (*) e a Guerra dos Cem Anos (**), a batalha perdeu suas características de entrecchoque de massas organizadas, acionadas por um Comando. A manobra, as preocupações táticas e o exercício da liderança não prevaleciam nos duelos — séries de combates individuais — nos quais os requisitos fundamentais eram a bravura e a destreza. Foi, todavia, uma era de absoluta predominância do cavaleiro na guerra, até que um fato novo viesse a modificar o panorama dos combates.

(*) As Cruzadas (1096-1291) constituíram-se de uma série de expedições militares (oitto, ao todo) destinadas a libertar a Palestina do domínio muçulmano. Abrangendo um período de dois séculos, somente foram possíveis graças ao predomínio do espírito aventureiro da Cavalaria, instituição feudal de caráter militar votada à defesa da fé cristã e à prática da caridade.

(**) A Guerra dos Cem Anos (1338-1453) foi um conflito entre a França e a Inglaterra, motivado pela rivalidade comercial entre os dois países, o apoio da França à Escócia e, sobretudo, pelo problema da sucessão da Coroa francesa quando da morte de Carlos IV (1328), à qual se apresentou como pretense sucessor Eduardo III, da Inglaterra.

Tal fato ocorreu com o surgimento da bombarda, ancestral do canhão, na batalha de Crécy (1346), durante a Guerra dos Cem Anos. O fato novo, mais do que a eficácia do tiro daquele engenho rudimentar, determinou a dizimação da Cavalaria francesa diante dos quadrados da Infantaria inglesa. Crécy foi o túmulo de 1.200 nobres cavaleiros franceses, sucumbidos debaixo dos virotões dos arqueiros ingleses. A galharda confiança dos nobres de armadura e lança abalou-se com a possibilidade de serem derribados de suas montadas pelo impacto de simples bolas de ferro, ficando à mercê do mais humilde besteiro.

A reação da Cavalaria francesa foi no sentido de apeiar para combater. E é assim que, na batalha de Poitiers (1356), ainda na mesma campanha dos Cem Anos, apeia diante da Cavalaria inglesa, julgando estar aproveitando a experiência dolorosamente colhida 10 anos antes. O resultado foi nova e fragorosa derrota, ocasionando a captura de seu pai, João III, o Bom, pelo Príncipe Negro, filho de Eduardo III e assim conhecido pela cor da armadura que normalmente usava.

Estava assim criada a primeira dúvida sobre o emprêgo de uma Arma que, até então, movimentara-se com absoluto desembarço no campo de batalha.

Mas, a Guerra dos Cem Anos não iria terminar sem antes se restabelecer a forma adequada de emprêgo das massas de Cavalaria. Curiosamente, foi uma jovem camponesa de Domrémy, na Lorena, quem iria oferecer os ensinamentos corretos para a utilização das massas de combates montados. Joana d'Arc, de apenas 20 anos de idade, mostrou que, se era temerário carregar contra o inimigo abrigado, era ainda mais insensato apeiar diante de suas formações a cavalo. Iluminada pela fé e exaltada pelo sentimento de libertar sua pátria da invasão inglesa, essa donzela conseguiu levantar o cerco de Orléans e conduzir Carlos VII à sagração em Reims (1429), através de vitórias colhidas, ora carregando contra o inimigo em campo raso, ora combatendo palmo a palmo contra posições fortificadas.

Com o passar do tempo, aperfeiçoou-se o armamento e firmou-se a importância do fogo no campo de batalha. Não obstante, havia cavaleiros que insistiam em apresentar-se nos combates em elegantes formações de parada. Julgavam a bala traiçoeira, pois era, muitas vezes, disparada por mãos cobardes que não ousariam enfrentar, de perto, os que feriam. Tal procedimento comprometia a credibilidade da Cavalaria como instrumento da vitória e iria, em breve, determinar nova revisão do seu emprêgo.

De novo a reação que se seguiu pecou pelo exagero. Impressionada com a importância do fogo no combate, a Cavalaria jogou fora suas lanças e armou-se de pistolas. Os Esquadrões, antes impetuo-

samente lançados ao "entrevêro", passaram a "marchar" para o inimigo, executando uma bizarra manobra denominada "o caracol". Essa espécie de "carrossel" consistia em dispor os Esquadrões em linhas sucessivas de sorte que, ao aproximar-se a primeira do adversário à distância do tiro de pistola, os cavaleiros disparavam suas armas e infletiam a direita e a esquerda, deixando o campo livre à segunda. O processo prosseguia até alcançar-se suficiente desorganização do dispositivo inimigo que permitisse o assalto final, a flo de espada.

É óbvio que essas descargas de pistola não causavam o efeito desejado, ao passo que o prolongado desfile de cavaleiros diante do adversário ocasionava mais baixas do que a carga fulminante. De qualquer forma, representava um abandono da mobilidade da Arma que fazia definhir o espírito tradicionalmente ofensivo dos cavalarianos.

O verdadeiro papel da Cavalaria na batalha foi restaurado durante a guerra dos Trinta Anos (*), através de um rasgo de audácia de um jovem general. Na batalha de Rocroi (1643), o Príncipe de Condé, diante de uma situação desesperada, lançou seus Esquadrões sobre as alas e a retaguarda do dispositivo do inimigo, destroçando o escol da Infantaria espanhola.

A partir de então, tendo se reencontrado com suas missões características de Arma móvel e fadada às ações decisivas, a Cavalaria mantém seu lugar no campo de batalha, a despeito do fogo. Afinal compreenderam os Chefes militares que, se explorassem convenientemente sua mobilidade, sua passagem na zona dos tiros eficazes do inimigo era extremamente curta, nunca superior a dois ou três minutos. E quando ela entrava nessa zona, a ameaça que representava já era tão próxima que o inimigo freqüentemente decidia-se a fugir sem atirar.

Durante o último quartel do século XVII e todo o século XVIII, a Cavalaria conservou integralmente sua mobilidade e capacidade manobreira, a despeito do fogo. Este, aliás, não atingia grande profundidade no campo de batalha; mesmo durante a fase áurea de Napoleão, o alcance dos canhões era de 400 metros e dos fuzis 200 metros. Não obstante, não se negava mais a importância do fogo no combate. A manobra, bem como a carga e o assalto, eram etapas na busca da vitória, porém sempre acompanhadas do necessário apoio dos tiros das armas de todos os calibres.

Mas, à medida em que o combate frontal tornava-se mais penoso, devido à saturação do fogo no campo de batalha, a manobra

(*) A guerra dos Trinta Anos (1618-1648) envolveu a maioria dos países da Europa. Originada na interpretação facciosa das cláusulas da paz religiosa de Augsburg, deu margem à criação de duas ligas opostas, a "evangélica" e a "santa". Como sempre acontece nesses casos, os princípios espirituais em jogo degeneraram em ambições de poderio dos soberanos europeus.

de ala, em busca dos flancos e da retaguarda do inimigo, crescia de importância. Essa concepção da guerra, na qual Napoleão foi mestre insuperável, favorecia o emprêgo da Cavalaria.

E o grande gênio militar soube explorar magistralmente as inúmeras possibilidades da Arma do movimento, em tôdas as fases da batalha. Constituindo grandes massas de Cavalaria, empregava-as em missões de exploração e segurança, de forma a conhecer as intenções do adversário e prover-se da indispensável liberdade para tomar seu próprio dispositivo. Durante a batalha, fixava o inimigo e o desgastava para, com seus dragões, couraceiros e hussardos, envolvê-lo e desorganizá-lo, obrigando-o a empenhar suas reservas. Ao primeiro sinal de perda de capacidade de reação do adversário, dirigia o esforço decisivo para o ponto de ruptura e culminava a batalha com tenaz perseguição de sua adestrada Cavalaria. Assim foi em Austerlitz, Iena e Wagram, estrêlas de primeira grandeza na refulgente constelação de vitórias do grande General.

Todavia, o Imperador não se descuidava de dotar tão precioso instrumento de sua glória de um adequado poder de fogo; ao contrário, dotou seus Esquadrões de mosquetões e somente os lançava ao "entrevêro" decisivo depois de conveniente amaciamento pelo fogo.

Após êsse período aúreo da Cavalaria, nova crise se apresentaria com o aparecimento da arma raiada e do canhão de retrocarga. Com o aumento da precisão e da rapidez do tiro, a Arma do movimento novamente iria se deixar dominar por uma exagerada preocupação com a segurança. No início da guerra Franco-Prussiana de 1870, a Cavalaria colocou-se freqüentemente muito próxima da Infantaria, quando não a reboque desta.

Essa letargia vai ser sacudida, pouco depois, pela Cavalaria alemã, em Metz. O 3.^o Corpo germânico, reduzido a poucos recursos e frente aos franceses mais numerosos e vantajosamente dispostos, via aproximar-se o seu fim. Nessas condições trágicas, o General Alvensleben decidiu empregar arrojadamente a Brigada de Cavalaria Bredow. Esta GU, perfeitamente coberta das vistas do inimigo, iniciou um movimento desbordante e caiu, de surpresa, sobre a Infantaria e as baterias francesas, derrotando-as numa fulminante carga, bem no estilo tradicional.

Essa ação restituiu aos cavalarianos o sentimento das possibilidades de sua Arma, até que nova crise, resultante do aparecimento da arma automática, viesse a suscitara outras dúvidas sobre o seu emprêgo.

Durante o período que medeou entre 1871 e 1914, os exércitos, particularmente os europeus, prepararam-se para aproveitar as possibilidades que se abriam com os novos armamentos. Alguns cava-

larianos, embalados pelas glórias do passado, de novo relutaram em admitir a necessidade de introduzir modificações substanciais no emprêgo da Arma montada. E, imbuídos do espirito do século anterior, saltaram alegremente a cavalo quando irrompeu a 1.ª Guerra Mundial, em agosto de 1914, ansiosos para reeditar as cargas do passado.

Porém, outro era o campo de batalha onde estrugia o arrebatamento das granadas e o matraquear da metralha. Até mesmo a Infantaria, menos vulnerável ao fogo das armas de tiro tenso, mergulhou nas profundezas das trincheiras que se estendiam dos Vosges ao Mar do Norte.

De um lado e do outro de um continuo e intrincado sistema de fossos, valas, túneis e rolos de arame farpado, os exércitos oponentes se mantinham estáticos, tendo de permeio uma faixa de terreno — a "terra de ninguém" — constantemente batida pelo fogo.

Neste cenário desolador, pouco havia para fazer com uma Arma de vocação manobreira. E eis a Cavalaria combatendo como Infantaria, cavando trincheira, lançando granada e batendo-se à baioneta. Para isso, foi sendo dotada de armamento mais pesado, incorporando a suas unidades frações de petrechos e de sapadores. Mas, nostálgica de suas verdadeiras missões, empenhava-se em patrulhas, alongava-se em reconhecimentos e provia segurança, toda vez que se lhe apresentava oportunidade.

Ainda durante o primeiro conflito mundial, surgiria um novo engenho que, progressivamente, iria restaurar a preponderância da guerra de movimento. O carro de combate transformar-se-ia no instrumento que devolveria a mobilidade e o poder de choque à Cavalaria.

Até o deflagrar do conflito de 1939 - 1945, os cavalarianos de diversos exércitos do mundo iriam oscilar entre preservar a Cavalaria dotada de seu meio tradicional de combate — o cavalo — ou tender para a sua total mecanização. Os grandes estudiosos da guerra, porém, de pronto vislumbraram nos blindados os herdeiros e continuadores naturais da gloriosa Cavalaria.

Conquanto no decurso da 2.ª Guerra Mundial ainda se registrasse o emprêgo de massas de combatentes montados, organizadas em GU, principalmente pelos poloneses e russos, o aperfeiçoamento dos carros de combate iria conduzir a sua predominância no campo de batalha moderno.

E se foi banido do combate o cavalo, nobre e fiel amigo de tantas e tão memoráveis campanhas, não desapareceu a Cavalaria, rediviva nas formações de blindados que restauraram seu poder de choque e aumentaram seu poder de fogo e sua mobilidade.

3. AS MISSÕES E OS MEIOS

O tremendo desenvolvimento atual da ciência e da técnica ocasionou alterações profundas na arte militar. Contudo, permanecem válidos os princípios básicos da guerra e continuam a se fazer sentir as necessidades fundamentais dos Comandantes de exércitos.

Assim, segurança, surpresa, economia de forças e flexibilidade ainda são princípios orientadores na busca da vitória. Da mesma forma, informações precisas e permanentes, cobertura, manutenção da iniciativa e reserva potente e móvel continuam a ser necessidades prementes de todo chefe militar.

A permanência desses princípios e dessas necessidades seculares põe em evidência a atualidade da Arma capaz de atender a uns e a outros. Com efeito, a Cavalaria, hoje como ontem, apresenta-se com aptidão para cumprir uma gama de missões que cobre tôdas as fases da batalha.

Pelo reconhecimento e a cobertura — missões que atualmente desempenha com maior efetividade e profundidade, graças aos modernos meios de que dispõe — está presente ainda antes do contato das massas oponentes.

Na batalha defensiva, sua potência enormemente aumentada, facilita-lhe retardar o inimigo, vigiar os flancos, tapar brechas e desferir potentes contra-ataques.

Na batalha ofensiva, suas características tradicionais, agora incrementadas, de mobilidade e potência de fogo e de choque, tornam-na naturalmente indicada para as manobras envolventes e as penetrações profundas no dispositivo do inimigo. Participa, ainda, com seus blindados, da ruptura da posição adversária e do aproveitamento do êxito subsequente.

Após a batalha, suas características e seus meios indicam-na para as missões de perseguição, em caso de sucesso, e de cobertura, no caso contrário.

Aí estão, sem dúvida, as mesmas missões tradicionais da Cavalaria. No presente, como no passado, cabe-lhe a honra de abrir e de encerrar a batalha, e dela participar efetivamente. O que mudou foram os meios, os quais, antes de restringir, vieram alargar suas possibilidades. Carros de combate, viaturas blindadas de reconhecimento, material eletrônico de comunicações e de localização de alvos, armamento potente e, até mesmo, meios aéreos como aviões leves e helicópteros, constituem o elenco de meios que asseguram a presença da Cavalaria no campo de batalha moderno, cumprindo as mesmas missões que fizeram dela incomparável instrumento da glória dos grandes Chefes de todos os tempos.

É de se notar, também, a surpreendente adequabilidade da Arma ao ambiente de guerra nuclear. Sendo a dispersão uma necessidade nesse tipo de guerra, acarretando a diminuição relativa da densidade

de ocupação do terreno, há maiores espaços para a manobra. A este aspecto favorável ao emprêgo da Cavalaria soma-se a proteção que a blindagem oferece contra os efeitos da explosão nuclear, sejam os do sopro, do calor ou da radiação, tornando-a menos vulnerável que as outras Armas que combatem desprotegidas.

Também na guerra de guerrilha a Cavalaria moderna apresenta-se com excelentes possibilidades. Sua capacidade de reunir-se e de atacar rapidamente, empregando inclusive helicópteros, a par de sua relativa invulnerabilidade aos tiros das armas de pequeno calibre e aos estilhaços de petardos, tornam-na extremamente apta para esse tipo de conflito.

4. CONCLUSÕES

A Cavalaria é tão atual na guerra moderna como o foi no passado. Hoje, como ontem, ela reconhece, cobre e combate, apenas utilizando meios que lhe aumentam de muito a eficiência.

O mesmo espírito audaz, desportivo e intrépido, que levava o cavaleiro a empunhar a lança e arrojá-la ao encontro do inimigo, anima o combatente blindado. O elmo do fidalgo medieval revive no capacete do tanquista, perpetuando a presença da Arma móvel na batalha, com tôdas as suas nobres e cavalheirescas tradições.

Antes de terminar este pálido esboço do que foi e do que é a Cavalaria, quero dirigir-me, em particular, aos meus companheiros de Arma.

O Exército desenvolve um grande esforço para modernizar-se. Está em curso de execução um plano de reaparelhamento que visa a dotar a Força Terrestre de material capaz de elevar ponderavelmente seu grau de operacionalidade.

É preciso que nós, cavalarianos, nos coloquemos à altura do momento, não permitindo que um excessivo apego ao passado, ainda que nobilíssimo, prejudique a urgente evolução de nossa Arma.

Em breve, várias de nossas Grandes Unidades e Unidades estarão passando por uma radical transformação. Urge que nos preparemos, desde já, para essa eventualidade, dedicando-nos com afinco ao estudo dos inúmeros problemas que surgirão, particularmente os relativos à preparação de quadros, formados e experimentados na tradição hipomóvel, a fim de podermos colaborar efetivamente na sua solução.

A substituição do cavalo pelo carro de combate — engenho tipicamente de Cavalaria — não representa o abandono das verdadeiras tradições da Arma. Ao contrário, representa mais uma fase na evolução da Cavalaria em busca de sua maior eficiência em combate.

O "espírito da arma", este forte sentimento que exalta, na alma da tropa, as virtudes cavalheirescas e viris de uma nobre estirpe, baseia-se nas características imorredouras da Cavalaria, preservadas e enriquecidas com os novos meios de que agora dispõe.